

**MARIA NÉLIDA GONZÁLES GÓMEZ É
ENTREVISTADA PELOS OS ALUNOS DO CURSO
DE MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
DA UFPB**

***MARIA NÉLIDA GONZÁLES GÓMEZ IS
INTERVIEWED BY STUDENTS FROM THE POST-
GRADUATE COURSE IN INFORMATION SCIENCE
AT UFPB***

Durante o período de 13 a 16 de outubro de 1999, a profa. **NÉLIDA MARIA GONZÁLES GÓMES**, Doutora em Comunicação, pesquisadora e professora de pós-graduação em Ciência da Informação da *Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro - ECO/UFRJ*, IBICT/CNPq, aceitou o convite da *Coordenação do Curso de Mestrado em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba – UFPB*, para ministrar a disciplina Fundamentos Teóricos da Ciência da Informação II. Atuante no campo da Ciência da Informação, a profa. Nélida, concedeu entrevista aos participantes da disciplina supracitada, sistematicamente coordenada por **Edna Gomes Pinheiro** e **Robéria Nádia Araújo Nascimento**. As perguntas gestaram-se nas reflexões promovidas nos espaços de debates e discussões, da citada disciplina, quando nos momentos teóricos foram abordados temas tais como: relações históricas e conceituais no campo científico da ciência da informação; processos e redes de metachecimento; epistemologia da ciência da informação; informação no cenário nacional e internacional; micro e macroprocessamento de transferência de informação C&T. Entre as várias questões respondidas, a entrevistada enfatiza a ciência da informação no Brasil e o profissional da informação no limiar do século XXI. Isto posto, convidamos a todos para esse diálogo, por sabermos que o cotidiano informacional é pleno de contradições e que esse tem sua incompletude, que permite percebermos o outro, incitando-nos a reflexões e polêmicas. Entretanto, é nesse cotidiano tumultuado que os

sujeitos se apropriam de um conhecimento crítico, em busca de saberes que se movem e que são movidos por estratégias criativas. Somente assim, poderemos afirmar que nossa intenção está calcada em deixar registrado momentos ímpares, que para o Curso de Mestrado em Ciência da Informação da UFPB significa um marco na construção da sua memória política, social e histórica.

1 Alguns estudiosos enfatizam que a sociedade contemporânea está centrada no conhecimento. Diante das colocações da professora, em sala de aula, percebemos que defende uma posição na qual, esta sociedade, não está centrada apenas em informação mas também, em metac conhecimento. Como se desencadeia, realmente, este processo na formulação de políticas de informação?

Se a sociedade moderna é uma sociedade em que o conhecimento tem uma posição central, podemos dizer que, a sociedade contemporânea se caracteriza pelo conhecimento sobre o conhecimento. Castells afirma algo parecido quando diz que se trata de uma sociedade na qual o conhecimento tem como objeto de exploração o conhecimento. Na verdade, isto representa para mim, não só o caráter reflexivo da sociedade que se chama sociedade de informação ou sociedade do conhecimento, ela explora possibilidades de intervir sobre seus próprios processos e estruturas de produção de conhecimento, de comunicação. Se manifesta, também, o caráter contingencial da figura do conhecimento. Quer dizer que a definição de quem é o conhecedor que conhece e qual é o conhecer do conhecimento que se quer conhecido, depende muito mais de uma figura social, de uma decisão social, até mesmo, de uma política de conhecimento, que de uma questão epistemológica.

2 Concordamos quando colocou, com bastante ênfase, nos nossos momentos de debates, que a informação é um fenômeno estratificado e não se reduz ao mundo de inscrições. Porém, gostaríamos de saber, como ela deve ser estruturada no campo da Ciência da Informação, para que ele possa mediar relações de cidadania?

Na verdade, podemos considerar a informação como fenômeno estratificado, porque ela tem relações com regras, quadros institucionais, níveis de valores, que de alguma maneira estabelecem quando se constituem um valor de informação, tem relações também, com universos discursivos que são seus universos de referências, ou digamos assim, os valores de conteúdo da informação, valores semânticos. Mas, também a informação existe socialmente na medida que é veiculada por artefatos de informação e estrutura de informação. Na verdade cada um desses estratos tende a gerar na nossa sociedade pontos de vista específicos, abordagens específicas, perfis profissionais específicos que são olhares muitas vezes dissociados uns dos outros. Acreditamos neste sentido,

que a Ciência da Informação tem um papel importante na medida em que se estabelece como um campo interdisciplinar e transdisciplinar que permita e favoreça agregação desses olhares, dessas maneiras de lidar com a informação em cada um desses estratos, de forma que propicie soluções sócio-técnicas articuladoras nos diferentes problemas de informação. Podemos considerar como fatores favoráveis para ela exercer esses papéis, o fato de que a Ciência da Informação tem uma forte relação com as Ciências Sociais e Humanas, o que lhe permite colocar como chave da articulação dos diversos extratos informacionais o desejo e projetos dos sujeitos individuais e sociais e assim, reduzir as dispersões dos saberes e dos discursos informacionais que se desagregam, se diversificam nesses estratos. Ela pode contribuir para que o cidadão tenha acesso a informação com mais consciência acerca da natureza e qualidade de um serviço de informação ou de um produto de informação.

3 Como o pesquisador na Ciência da Informação, poderá elaborar uma estrutura de tradução, capaz de criar artefatos para concretizar as relações sociais e contribuir no processo de construção da cidadania haja vista, estes atores científicos estarem quase sempre ligados aos mesmos paradigmas nos seus espaços de atuação?

Acho que a resposta dessa pergunta decorre um pouco da resposta anterior, ainda que a questão é um pouco mais complexa, porque nesse sentido, além de articular os diferentes estratos que constituem os processos e os fenômenos de informação enquanto tais, o desenvolvimento de estruturas de informação que sejam favoráveis ao desenvolvimento da cidadania implica na articulação dos diferentes contextos de ação coletiva com os diferentes contextos de relação entre a cidadania e o Estado. Nesse sentido, o profissional de informação poderia contribuir na medida não só em que pudesse desenvolver novos modelos sócio-técnicos de transferência e de tratamento de informação, de formação de memórias informacionais mas, na medida em que este, além de sua capacidade técnica e investigativa, estabelecesse outras relações de compromisso e de parceria com os atores sociais, de forma que consiga ligar sua atividade às ações efetivas dos atores sociais no seu contexto de vida e de ação: promovendo a participação dos atores sociais na construção de novas lógicas de informação. Enfim, na medida em que ele também consiga sair das esferas puramente acadêmicas e puramente técnica e profissional e assuma compromissos políticos e sociais.

4 No momento atual, como analisa o mapeamento do controle informacional e intelectual do Brasil, levando em consideração que este mapeamento está desagregado e inserido numa cartografia segmentada e que as ações neste sentido são delineadas segundo níveis institucionais?

De fato, atualmente, o que poderíamos chamar de mapa de metac conhecimento da produção intelectual do país está distribuído em diversas instituições e apresenta tanto ausências como justaposições. Em algum momento se considerou que este mapeamento tinha que ser feito de uma maneira centralizada ou centralmente coordenada. Mas, por diferentes razões se foi produzindo uma desativação das macro-estruturas da representação da produção intelectual e científica, isto acontece não somente no Brasil, mas também, em outros países. Ficaram interrompidas, muitas vezes, as elaborações de outros indicadores referentes ao desenvolvimento social do conhecimento que na verdade é um insumo importante para o aferimento e consolidação das políticas e estratégias do conhecimento e da informação. Aferir e avaliar são atividades a serem desenvolvidas com a maior responsabilidade e autonomia no contexto do projeto da sociedade de informação. Na verdade, neste momento, se está começando a realizar novamente ações que procuram, digamos assim, redesenhar um mapa articulado e com diferentes recortes e perspectivas, dessa produção intelectual. Se a figura de um único e centralizado sistema de controle, de aferimento e de avaliação já não parece responder as novas condições institucionais, deverá ser retrabalhada como novas formas de leitura transorganizacionais, e como novas formas de coordenação e padronização que, provavelmente, já estão a caminho de serem desenvolvidas.

5 Sabemos que a informação é importante para o setor produtivo. Todavia, atualmente, a gestão da informação para os negócios, tem um valor “capital” na sociedade globalizada, por isso, o conhecimento está sendo discutido na esfera do aparelho administrativo e econômico, como nunca foi visto antes. Na sua visão como está se processando a desregulamentação das formas de conhecimento, em relação ao conhecimento público e privado?

De fato estamos passando de um modo de produção do conhecimento, alavancado por instituições como as instituições de P&D que demandavam legitimidade e estabeleciam critérios de legitimação, a outro modo de produção. Estamos passando, agora, ao modo de produção de conhecimento por novos agentes, que desenvolvem ações de inovação técnica e científica com objetivos estratégicos e corporativos, e estabelecem critérios específicos de eficácia para essa produção. Nesse momento, aliás, acreditamos que o preenchimento dos quadros organizacionais desses agentes e do novo modelo de produção do conhecimento, se faz a partir dos recursos humanos formados e treinados nos arcabouços institucionais prévios das universidades, institutos de pesquisa e desenvolvimento, em nosso país, preferencialmente, ligados ao Estado. Enfim, está

mudando o referencial institucional da produção do conhecimento, assim como, sua distribuição no domínio do público e do privado. A questão me parece, agora, seria não só quanto de investimento privado poderia ser deslocado para a formação de capital intelectual nas esferas públicas, como nas universidades e institutos de pesquisa, mas também, quanto do excedente social de apropriação pública, impostos, orçamento do Estado nacional e estadual vai ser investido no desenvolvimento de um processo de capitalização intelectual de organizações não-públicas, empresas privadas, organizações corporativas e setoriais e que vão ter uma definição privada de interesses e objetivos de produção de conhecimento. Eu acho, que hoje em dia, o problema se coloca dessa forma.

6 Tefko Saracevic atribui à recuperação da informação a maior causa do surgimento da Ciência da Informação. Atualmente, esta ciência transcende a recuperação e sua base está muito relacionada com os processos de comunicação humana. Comente a relação entre a Ciência da Informação e a Comunicação.

Na realidade a focalização e abordagem da recuperação da informação como um dos pontos de partida do desenvolvimento da Ciência da Informação criava algum tipo de distanciamento entre a abordagem comunicacional e a leitura comunicacional do processo informacional, não tanto porque, ignorasse a comunicação mas, porque tinha uma compreensão mais linear, mais simplista da comunicação. Quer dizer, sempre se colocou que a informação circularia tanto através da comunicação direta e informal como indireta e formalizada, e que se chegaria a recuperação como um dispositivo de publicização do registro do conhecimento, o que implicava uma forma comunicacional. Esta comunicação era simplificada sob os modelos de uma comunicação científica definida por sua linearidade, por sua definição causalista, enfim, por certo reducionismo. Por outro lado entre a Ciência da Informação e os estudos da comunicação existiu sempre o fato de que se originaram e se desenvolveram em duas tradições diferentes de produção do conhecimento. A Ciência da Informação surgiu no quadro e sob o horizonte de problematização da comunicação C&T, e os estudos da comunicação no horizonte do sistema social de comunicação e da comunicação mediática - a comunicação para os muitos- Por outro lado, os estudos da comunicação acentuaram muito a dimensão existencialista da comunicação, fazendo uma leitura da comunicação desde uma ontologia do ser social, enquanto que a ciência da informação veria à informação como uma mediação da ação, ora olhada positivisticamente como comportamento, ora humanisticamente, como prática. Quer dizer ela colocou mais ênfase nos momentos materiais da comunicação. Definiu-se como um saber de intervenção sobre os fatos comunicacionais. Acontece que, no momento atual, por diferentes razões, tanto sociais,

econômicas como tecnológicas essa diferenciação do domínio de construção do objeto da Ciência da Informação e da Comunicação vai sendo reduzida visto que, por exemplo, na Internet você já não tem a distância e diferenciação que teria sob a hegemonia de outros meios de comunicação, entre os sistemas de comunicação especializada e o sistema de comunicação para muitos. Por outro lado, ao mesmo tempo que os estudos de comunicação olham com mais atenção para a dimensão tecnológica dos processos sociais da comunicação, a Ciência da Informação por sua vez, busca reelaborar seus quadros conceituais nos estudos filosóficos e humanísticos da linguagem, nos estudos da cultura, enfim, da antropologia. Dessa forma, tanto do ponto de vista da construção do objeto como do método de abordagem há novas proximidades entre duas áreas do conhecimento.

7 Numa época em que a autonomia do sujeito é defendida como exercício de cidadania, como os agentes coletivos poderão fazer uso consciente da informação?

Eu gosto muito de pensar, a inteligência coletiva ou inteligência comunicacional como uma maneira do ser humano e das comunidades desenvolverem o conhecimento de si mesmo, ao mesmo tempo que desenvolvem o conhecimento do mundo. Assim, existiria um movimento eferente da comunidade em relação ao seu meio ambiente, ao seu contexto situacional mas, ao mesmo tempo um conhecimento auto-referente acerca do seu papel e do seu próprio processo de transformação, nesse contexto racional. Tanto esse processo eferente ao conhecimento do mundo natural e social como esse movimento auto-referente tem como espaço de formação e transformação, a informação e metainformação. Isto é, para uma comunidade desenvolver uma relação autônoma com seu contexto específico e com outros atores sociais, com outros agentes que compartilham com ela um mundo de vida social, ela precisa, tanto desenvolver seus fluxos informacionais dentro dela mesma, entre seus membros, e em relação ao seu meio ambiente como precisa desenvolver fluxos metainformacionais que permitam mapear, monitorar e gerir esses processos de relacionamento informacional e cognitivo com o meio e com os outros. Na minha visão, para fazer uso consciente e autônomo da informação é necessário que a comunidade consiga desenvolver sua rede de informação e metainformação que lhe permita desenvolver sua rede de conhecimento e metaconhecimento, mantendo assim, conexões ricas e flexíveis entre os seus mundos de vida e seus universos de informação..

8 Benjamin afirmou que a informação se constitui uma “ferida” nas formas narrativas da comunicação e do saber. Qual seria a explicação mais lógica para esse ponto de vista?

Bom, temos que lembrar que para Benjamin a informação se contrapõe as formas da comunicação narrativa, próprias das comunidades tradicionais e que ela estaria ligada às formas modernas de comunicação que implicam mudanças, tanto nas formas de vinculação social como nos meios de comunicação. De fato, a informação da qual ele fala é uma informação produzida não somente pela cultura da escrita mas, fundamentalmente, pela mediação da produção editorial que potencializa as características da escrita. Platão dizia que, a informação escrita é muda demais, tagarela demais visto que, na medida em que ela é dissociada do seu contexto de geração ela tanto pode não dizer nada, como dizer mais do que poderia dizer. Então, Benjamin, quando fala que a informação é uma ferida das formas de cultura da narrativa, ou das formas de vinculação comunicacional da narrativa é porque, na verdade, esta informação é quase sempre um sintoma do esgarçamento do tecido social próprio das comunidades tradicionais na qual havia uma relação intensa entre o *narrar e o viver*, de maneira que, a rede que ligava o tecido social era a própria rede da experiência. Então, se a informação é considerada uma ferida para a narrativa, podemos pensar, é porque ela causa a ruptura da rede de experiência, ou seja, a informação e o conhecimento se transformam em algo exterior e alheio à vivência, às práticas das comunidades, aos modos de vida existente e à própria realidade.

9. “A intolerância, a indiferença e o ódio”, nas palavras de Edgar Morin, são os traços do presente. Numa época em que a Internet isola e aproxima as pessoas, como vencer a falta de comunicabilidade e sociabilidade?

A Internet por um lado desterritorializa as relações sócio-comunicacionais por outro, gera outras formas de vinculação. Vemos de fato que o computador pessoal “mono-usuário” é uma das grandes inovações que generalizam o acesso à tecnologia da computação e comunicação computadorizada, mediada por computadores. Tem se desenvolvido as novas tecnologias da Internet, em territórios culturais urbanos e que beneficiam ao individualismo, a formação de tribos e na verdade, por razões até anteriores ao desenvolvimento da própria Internet, como um processo sócio-cultural contemporâneo. Nós, poderíamos pensar em outros *devires* sócio-técnicos, em um uso coletivo das tecnologias, formas de inteligência distribuídas renovadoras que gerem novas estruturas de participação e interação, malhas societárias que aumentem a conectividade entre os espaços de vida e os ciberespaços. Na verdade, eu não sei muito bem, quais são essas novas formas sócio-técnicas mas, penso que pelo menos, há algo que pode ser considerado, quer dizer, que temos que propiciar a conectividade entre os espaços de informação ligados aos contextos locais de ações

e de experiências e as redes de comunicação remota. O ciberespaço deve ser utilizado, como uma maneira de alargamento desses horizontes culturais.

10 O ciberespaço oferece novas formas de desenvolver e armazenar conhecimento. Qual é a sua contribuição para a Ciência da Informação?

Eu costumo dizer que ninguém melhor para falar de inteligência artificial e sistemas especialistas, do que aqueles que os criaram. Eles são de uma mesura para falar das suas capacidades de realização que se diferencia de um discurso algumas vezes elogioso, outras catastrófico, que encontramos em certos discursos literários e ensaísticos. Da mesma forma, eu penso que a Ciência da Informação na medida em que estuda fenômenos e processos de informação em diferentes cenários, encontrará no ciberespaço, uma nova oportunidade de indagações e desafios. O fato da Ciência da Informação trabalhar sob a formação histórica do conhecimento e da informação, cada mudança no contexto histórico e sócio-técnico tende a obrigá-la a reformular seus conceitos, suas metodologias e a descobrir assim, que alguma coisa que ela achava que fazia parte dos seus quadros mais estáveis de compreensão passaria logo a ser questionada como provisória e aparente. Nesse sentido, acredito, que o desafio de compreender o ciberespaço contribuirá para um novo desenvolvimento da Ciência da Informação e um nova proposta interpretativa. Esperamos que mantenha para isso uma postura investigativa, favorável a reflexão mesurada e crítica, a pesquisa seria o principal meio de produzir conhecimentos e estruturas de informação territorializados por sua relação com os mundos sociais locais, e virtualizados pelas pluralidade e riqueza de suas redes de argumentação.